



## CEM ANOS DE SOLIDÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE NA AMÉRICA ESPANHOLA

**Bruno Maciel**

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da UFJF.  
brunoreale@yahoo.com.br

### *Introdução*

Cem Anos de Solidão, além de um excelente romance, trata-se uma profunda reflexão sobre os fundamentos que compõem o ideário colombiano, sem, todavia, esquecer os fios que os une a América como um todo, e em particular, a América Espanhola. O desenrolar da obra perpassa por acontecimentos marcantes da história da Colômbia entre meados séculos XIX e início do século XX. Aos moldes do Realismo Fantástico, estilo literário que consagrou García Márquez mundialmente, Cem Anos de Solidão esconde um tratado rico em significações.

Entretanto sua linguagem repleta de metáforas e alegorias dificulta uma análise *ipso facto* das discussões presentes nesta intrincada trama, o que se prova pela infinidade de interpretações realizadas, que, por muitas vezes, se mostram contraditórias ou mesmo incoerentes. Friso que este estudo trata-se de uma análise pessoal de Cem Anos de Solidão, embasadas em alguns estudos importantes sobre a problemática da constituição dos estados nacionais latino-americanos. Neste intento me atenho aos eventos que considero mais pertinentes e fecundos no que tange a perspectiva histórica.

*Desenvolvimento*

O enredo de Cem Anos de Solidão tem como pano de fundo aldeia fictícia de Macondo e conta a saga da família Buendía em um íterim de cem anos. O escritor situa os ocorridos no pequeno povoado ante os principais acontecimentos históricos do período, estabelecendo uma perfeita conexão entre micro e macro, mesclando, simultaneamente, elementos reais e fantásticos. Percebemos também na trama uma intrínseca relação entre percepção individual e memória coletiva, visto que os eventos vêm sendo contados conforme a percepção dos personagens.

Em seus primeiros capítulos, a obra “Cem Anos de Solidão”, conta às visitas anuais de um grupo de ciganos esfarrapados a Macondo. Estes longínquos viajantes são, a princípio, a única forma de contato entre Macondo e a civilização.

Os ciganos traziam ao povoado bugigangas que chamavam de as “grandes maravilhas do mundo”. Em suas idas e vindas, Melquíades, cigano amigo de José Arcadio Buendía, trouxe mapas de navegação portugueses, um astrolábio, uma bússola, um sextante, além de lhe dar uma cópia manuscrita dos estudos do monge Hermann. O patriarca dos Buendía, utilizando-se dos instrumentos adquiridos, descobre que a terra é redonda, em uma clara sátira a Colombo. Após ser taxado por louco pelos moradores de Macondo, José Arcadio Buendía se empenhou em encontrar o segredo da pedra filosofal, promover a duplicação do ouro e ler sobre os sete metais que compõem os diferentes planetas. Estudos estes realizados no laboratório de alquimia que ganhou de Melquíades.

A parábola dos ciganos viajantes, como vemos, está repleta de simbolismos. Os objetos trazidos pelos ciganos não permitem que os habitantes de Macondo se olvidem dos laços que os unem a civilização. As inquietações de José Arcadio Buendía promovem uma nítida reminiscência à mentalidade dos primeiros colonizadores. Percebemos uma confusa mescla entre elementos próprios da mentalidade medieval associado a novas formas de pensar emergentes no período da conquista do Novo Mundo. O patriarca dos Buendía é a

incorporação desta mentalidade dúbia. Em seu mundo coexiste uma atitude racionalista e uma concepção fantástica de mundo, onde inovações científicas se misturam a tapetes voadores, monstros metade homem metade animal e alma penada.

José Arcadio Buendía, cuja destacada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e até mesmo além do milagre e da magia, pensou que era possível servir daquela invenção inútil para desentranhar o ouro da terra<sup>1</sup>.

O episódio da fundação de Macondo tem sua origem em um acontecimento inusitado. José Arcadio Buendía se casou com sua prima Úrsula. Havia uma crença popular que dizia que de uma relação entre primos nasceriam crianças com rabos de porco. Com medo Úrsula tratou de se prevenir para que seu marido não a violasse usando roupas de baixo com um eficiente sistema de amaras para conter as investidas do marido. Certo dia José Arcadio Buendía estava em uma rinha de galos quando Prudêncio Aguilar disse que após dois anos de casamento Úrsula ainda era virgem e que José Arcadio Buendía era impotente. Ofendido José Arcadio Buendía matou Prudencio Aguilar. Desde então seu fantasma passou a perturbar os Buendía de tal modo que José Arcadio Buendía resolveu fugir com sua esposa da aldeia. Ele chamou um grupo de amigos que aceitaram participar da travessia da serra pantanosa rumo ao mar.

Foram eles os primeiros mortais que viram a vertente ocidental da serra. Do cume nublado contemplaram a imensa planície aquática do grande pântano, espreada até o outro lado do mundo. Certa noite, depois de andarem vários meses perdidos entre os charcos, já longe dos últimos índios que haviam encontrado no caminho, acamparam às margens de um rio pedregoso cujas águas pareciam uma torrente de vidro gelado<sup>2</sup>.

Na passagem acima o escritor nos fala sobre a travessia por um grande local desabitado, sem quaisquer resquícios de ações antrópicas. É neste cenário, onde a civilização ainda não havia ousado tocar os pés, que José Arcadio Buendía funda a aldeia de Macondo, povoado que se origina isolado da civilização, longe de qualquer influência

---

<sup>1</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 8 p.

<sup>2</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 27 p.

de um governo ou do clero. Percebemos a descrição de um território amplo em contraposição a uma população escassa e dispersa. Este fato promove uma grande dificuldade de comunicação entre os centros urbanos e os campos, fator este que pode ser estendido por analogia à realidade de grande parte das aldeias colombianas no período<sup>3</sup>. Os camponeses e aldeãos vivem a deriva das novas conquistas da modernidade e ensimesmados desenvolvem uma cultura popular diferenciada.

García Márquez retrata o surgimento de um catolicismo modificado em função deste isolamento. O catolicismo não institucional modifica os rituais herdados pela tradição mesclando-os a elementos que se incorporam a uma espécie de crença popular. A ida do padre Nicanor Reyna a Macondo remete bem a essa modificação de costumes. Conforme o episódio, ao ver que no povoado inexistiam igrejas o padre inicia uma missão catequética. Todavia, o sacerdote não obteve a receptividade esperada.

Pensando que em nenhuma terra fazia falta a semente de Deus, decidi ficar mais uma semana, para cristianizar circuncisos e gentios, legalizar concubinários e sacramentar moribundos. Mas ninguém lhe deu importância. Respondiam-lhe que muitos anos tinham ficado sem padre, arranjando os negócios da alma diretamente com Deus, e haviam perdido a malícia do pecado mortal<sup>4</sup>.

Sarmiento desenvolve uma reflexão similar acerca da religião popular desenvolvida nos pampas argentinos.

Eis a que está reduzida a religião nas campanhas pastoris: à religião natural. O cristianismo existe, como o idioma espanhol, como tradição que se perpetua, mas corrompido, encarnado em superstições grosseiras, sem instrução, sem culto e sem convicções<sup>5</sup>.

A Condição de isolamento de Macondo em relação ao mundo, com o passar dos anos foi superada, sobretudo após a chegada de comerciantes à região. Conforme o

<sup>3</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie no Pampa Argentino**. 1ª ed. Porto Alegre. EDUSRGS/ EDIPUCS. 1996. 81 p.

<sup>4</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 78 p.

<sup>5</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilização e Barbárie no Pampa Argentino**. 1ª ed. Porto Alegre. EDUSRGS/ EDIPUCS. 78 p.

seguimento da narrativa, Úrsula, mulher de José Arcadio Buendía, sai do povoado de Macondo a procura de seu filho Arcadio que fugiu para cidade acompanhando um grupo de ciganos. Úrsula fica um tempo ausente e quando retorna trás consigo a civilização.

Macondo estava transformado. As pessoas que tinham vindo com Úrsula divulgaram a boa qualidade do solo e a sua posição privilegiada em relação ao pântano, de modo que a reduzida aldeia de outros tempos transformou-se logo num povoado ativo, com lojas e oficinas de artesanato, e uma rota de comércio permanente<sup>6</sup>.

“Cem Anos de Solidão” mostra também, de forma acelerada, a evolução da relação entre espanhóis e indígenas, retratada no caso da doença da insônia. O emblemático episódio ocorre da seguinte forma: Um casal de índios chamados Cataire e Visitación chega a Macondo fugindo da doença da insônia. Eles passam a morar na casa dos Buendía. Quando os indígenas avisam aos Buendía que a malévola doença havia chegado a Macondo, em um primeiro momento, José Arcadio Buendía tem a seguinte reação: “(...) morto de rir, considerava que se tratava de mais uma das tantas enfermidades inventada pela superstição dos indígenas”<sup>7</sup>.

Pouco a pouco os espanhóis também contraem a doença da insônia em uma passagem que ilustra a fusão entre o ideário indígena e europeu.

Quando José Arcadio Buendia percebe que a peste havia invadido a povoação, reuniu os chefes de família para explicar-lhes o que sabia sobre a doença da insônia, e estabeleceram medidas para que o flagelo não se alastrasse para as outras povoações do pantanal<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 40 p.

<sup>7</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 45 p.

<sup>8</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 47 p.

Em um segundo momento, *Cem Anos de Solidão* remete a questão das guerras civis entre conservadores e liberais, conflito este que assola vários países hispano-americanos em meados do século XIX. Este embate, conforme nos fala Maria Ligia Prado, é ainda uma consequência da luta por independência, em uma tentativa de destituição dos resquícios que unem a América Espanhola a antiga ordem colonial<sup>9</sup>. Observamos que o escritor, ao contar os eventos, não demonstra muitas preocupações com marcos cronológicos.

Ao descrever o panorama político da Colômbia, quando o país já estava na iminência da deflagração do conflito supramencionado, o escritor faz referências às querelas eleitorais existentes, aludindo como um dos motivos que levam a eclosão do movimento liberal.

Apolinar Moscote selou a urna com uma etiqueta atravessada pela sua assinatura. Nessa noite, enquanto jogava dominó com Aureliano, ordenou ao sargento rasgar a etiqueta e contar os votos. Havia quase tantas células vermelhas quanto azuis, mas o sargento só deixou dez vermelhas e completou com azuis. Depois voltaram a selar a urna com uma etiqueta nova e no dia seguinte cedo levaram-na para a capital da província<sup>10</sup>.

Analisando os eventos *ipso facto*, percebemos que os conservadores tinham como apoio a Igreja e o Exército. Os conservadores são entidades incutidas de um poder divino e os pilares sobre os quais assentam seu projeto são a fé, a tradição e a hierarquia<sup>11</sup>. Eles lutavam pela manutenção da estrutura do antigo regime, garantindo, com isto, a manutenção do poder e de seus privilégios.

---

<sup>9</sup> PRADO, Maria Ligia. **A Formação das Nações Latino-Americanas**. 3ª ed. Campinas. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987. 16 p.

<sup>10</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 90 p.

<sup>11</sup> PRADO, Maria Ligia. **A Formação das Nações Latino-Americanas**. 3ª ed. Campinas. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987. 22 p.

Os liberais, por sua vez, objetivavam derrubar toda a base de sustentação do governo conservador. Eles lutavam pela revisão dos títulos de propriedade de terra, pela laicização da sociedade e do Estado, pelo fim dos privilégios e foros especiais, por uma legislação mais igualitária, e, por fim, por participação no poder político. O delegado Apolinar Moscote, partidário dos conservadores, analisa o conflito da seguinte forma.

Os liberais, dizia, eram maçons; gente de má índole, partidária de enforçar os padres, de instituir o casamento civil e o divórcio, de reconhecer iguais direitos aos filhos naturais e legítimos, e de despedaçar o país num sistema federal que despojaria de poderes a autoridade suprema. Os conservadores, ao contrário, que tinham recebido o poder diretamente de deus, pugnavam pela estabilidade da ordem pública e pela moral familiar; eram os defensores da fé de cristo, do princípio de autoridade, e não estavam dispostos a permitir que o país fosse esquartejado em entidades autônomas<sup>12</sup>.

Os Buendía, todavia, aderem à causa liberal. É interessante como os princípios iluministas chegam à pequena Macondo, despertando a simpatia de grande parte de seus jovens. Aureliano Buendía ingressa em um movimento rebelde chamado de forças revolucionárias. Em pouco tempo ele se torna Coronel destas tropas. A guerra civil instalada na Colômbia perdura por cerca de vinte anos. Não era, todavia, uma guerra oficial, intermitente, era um conflito que se dividia entre armistícios e a eclosão de novas rebeliões. Depois de inúmeras reviravoltas a dita revolução liberal descambou em uma violenta luta entre caudilhos. “O poder central se partiu em pedaços e a revolução degenerou numa sangrenta rivalidade de caudilhos, era impossível determinar qualquer responsabilidade”<sup>13</sup>.

Os liberais, contudo, não conseguem apoio suficiente para derrubar o governo. Com o passar dos anos ocorrem substanciais modificações nas diretrizes de seu movimento, tornando sua cartilha similar a de seus opositores. Abdicam à revisão dos títulos de propriedade de terra para agradar os latifundiários liberais, abjuram a luta

<sup>12</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 89 p.

<sup>13</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 161 p.

contra o clero para obter apoio dos católicos, renunciam a exigência de direitos iguais entre filhos naturais e legítimos sob a alegação de estar preservando os valores da família.

O conflito acaba culminando com a derrota dos liberais. Seus partidários, a partir de um acordo, passam a ocupar cargos dentro do governo conservador. Coronel Aureliano Buendía, em um momento posterior ao término da guerra, resume o dito em uma única frase: “A única diferença atual entre liberais e conservadores é que os liberais vão a missa das cinco e os conservadores à missa das oito”<sup>14</sup>.

Ainda durante a guerra civil já se observa alguns sinais de prosperidade, sobretudo na elevação de Macondo a categoria de município. Com o cessar do conflito, todavia, observamos a chegada efetiva das novas conquistas do mundo moderno. Citamos, dentre outras novidades, a chegada da energia elétrica, telefone, gramofone, cinema, e, por último, o invento que revolucionou a vida dos em Macondo. O trem de ferro. Com sua chegada Macondo recebe uma grande quantidade de forasteiros e a cidade cresce em uma velocidade estrondosa, sobretudo após a visita de Mr. Hebert, um misterioso senhor americano. Certa vez em um jantar na casa dos Buendía ele analisava uma banana como se fosse algo muito precioso.

Tempos depois se instala em Macondo a empresa americana “Companhia das Bananeiras” que promove um grande surto industrial na cidade. Juntamente a chegada do capitalismo percebemos também o surgimento de uma classe operária organizada. José Arcádio Segundo passa a trabalhar na companhia e mantendo a tradição militante da família, iniciada por Aureliano Buendía, se integra ao movimento sindical, promovendo uma série de revoltas e protestos contra a empresa estrangeira.

A revolta dos trabalhadores se baseava desta vez na insalubridade das vivendas, na farsa dos serviços médicos e na iniquidade das condições de trabalho. Afirmavam, além disso, que não eram pagos com dinheiro de verdade, e sim com vales que só serviam para comprar presunto nos armazéns

<sup>14</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 217 p.

da companhia<sup>15</sup>.

A revolta termina no massacre de três mil operários. José Arcadio Segundo é o único sobrevivente. Conforme a parábola todos os vestígios da execução desaparecem, era como se nada houvesse acontecido, fosse um mero devaneio do Buendía sindicalista.

A versão oficial, mil vezes repetida e repisada em todo o país por quanto meio de divulgação o Governo encontrou ao seu alcance, terminou por se impôr: Não houve mortos, os trabalhadores satisfeitos tinham voltado para o seio de suas famílias<sup>16</sup>.

Após o episódio a “Companhia das Bananeiras” cessa suas atividades e iniciaram-se longos anos de chuvas intermitentes. Ao término da tormenta Macondo já não era a mesma. Após o surto de desenvolvimento que desconfigurou aquele antigo povoado, que permaneceu por longos anos afastados da civilização, inicia um período de decadência que irá culminar em sua completa ruína.

Macondo estava em ruínas. Nas valas das ruas restavam níveis espedaçados, esqueletos de animais cobertos de lírios vermelhos, últimas lembranças das hordas de imigrantes que tinham fugido de Macondo tão atabalhoadamente como tinham chegado. As casas erguidas com tanta urgência durante a febre da banana tinham sido abandonadas. A companhia bananeira desmantelara as suas instalações. Da antiga cidade cercada só restavam escombros<sup>17</sup>.

### *Conclusão*

Com base no estudo realizado percebemos que a obra “Cem Anos de Solidão” se divide em três momentos básico que remetem a origem, desenvolvimento e decadência do povoado. Tal percepção respalda a idéia de que a história obedece a ciclos culturais,

<sup>15</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 265 p.

<sup>16</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 273 p.

<sup>17</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 217 p.

alicerçada no princípio de que Macondo, assim como todos os povos, está submetida a ação corrosiva do tempo.

No tocante ao problema da identidade, percebemos que em muitos aspectos a visão de García Marquez da história da Colômbia se confunde a problemas enfrentados por outros países hispano-americanos no mesmo período. Em menor escala, percebemos pontos de contato entre a história colombiana e brasileira, como é o caso do episódio que remonta o descobrimento da América.

Percebemos, no caso colombiano, que sua cultura se assenta sob os valores da antiga metrópole, adquirindo, todavia, uma nova configuração sob as diferentes condições encontradas no Novo Mundo. É importante mencionar também o papel exercido pela incorporação de valores próprios da cultura nativa. No século XIX observamos a tentativa de superação destes valores tradicionais a partir da sobreposição de ideologias francesas, fenômeno observado em toda a América. A questão da solidão talvez perpassasse por essa busca incessante de afirmação de uma identidade e de autoconhecimento

#### *Referências Bibliográficas*

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem Anos de Solidão*. 27ª ed, Rio de Janeiro, editora record. 1967. 364 273 p.

PRADO, Maria Lígia. *A Formação das Nações Latino-Americanas*. 3ª ed. Campinas. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987. 1- 59. p.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: Civilização e Barbárie no Pampa Argentino*. 1ª ed. Porto Alegre. EDUSRGS/ EDIPUCS. 1996. 45- 143 p.